

Resenha

The political economy of latin america: reflections on neoliberalism and development.

Peter R. KINGSTONE

Routledge: London, 2011. 192 p.

Fabrcio H. Chagas Bastos¹

Peter Kingstone é um dos mais consistentes latino-americanistas contemporâneos. Suas conexões intelectuais com os temas de economia política da América Latina têm origem em sua análise sobre a política industrial brasileira, mais especificamente, acerca da abertura da economia brasileira após mais de sessenta anos de clausura, e que assistiu a uma inédita comunhão de interesses entre empresários e governo para levar adiante o projeto de desenvolvimento do país² -um caso de exceção na literatura até então.

Adiante em suas investigações, o autor concentra sua análise em uma das mais importantes questões à região: como superar a pobreza e da desigualdade que, a despeito dos avanços recolhidos, ainda grassa na América Latina? A busca por respostas se materializa em argumento principal de *The Political Economy of Latin America: Reflections on Neoliberalism and Development* (2011), ao transformar a incômoda incógnita em uma reconstrução do fortemente contestado conjunto político e econômico conhecido como *neoliberalismo*, entendendo-o como produto histórico, descendente direto do esgotamento do projeto de desenvolvimento latino-americano baseado na industrialização por substituição de importações (ISI), e refletindo sobre o papel deste na conformação de instituições por toda a região.

Sob o ponto de vista dos críticos às análises estrangeiras, soa esquizofrênico explicar os problemas da América Latina aos latino-americanos, no entanto, Kingstone não se perde em referências relacionas exclusivamente ao seu imediato alcance, ou em uma fria e pedante análise da pobreza -ao mais puro estilo colonial aplicado às Ciências Sociais. Não. Escrevendo de maneira leve e fluída, não transforma os termos relacionados à economia em um empilhado de termos ininteligíveis, tampouco faz com que preconceitos sejam reproduzidos.

O plano do livro, dividido em cinco capítulos, conduz o leitor pelo *turning point* dos paradigmas de desenvolvimento da América Latina³, desde o desgaste da ISI durante a década de 1980 até o presente.

O capítulo dois retoma as origens do projeto estruturante de ISI e o dado de realidade histórica, retomando Raúl Prebisch mas deixando de

1. Pesquisador do Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (NUPRI/USP) e Doutorando em Integração da América Latina pela mesma Universidade. fchagasbastos@usp.br.

2. Esta investigação, tema de seu doutorado, teve como produto o livro *Crafting Coalitions for Reform: Business Preferences, Political Institutions, and Neoliberal Reform in Brazil* (1999).

3. Importante destacar a significância do recorte geográfico "América Latina" para o autor, que apresenta-o para os estudos em questão como sendo composto pelos dezessete países não-caribenhos de língua espanhola e de língua portuguesa -excluídos, portanto, Cuba e República Dominicana, e incluídos Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela (p. 42).

4. Há menção sobre a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), todavia é fato grave não haver nenhuma referência sobre importantes pensadores que compuseram aquele organismo, como Celso Furtado, por exemplo.

5. Em especial as páginas 103 a 118.

fora os *cepalinos* enquanto escola de pensamento econômico da região⁴. Aos que estão familiarizados com as leituras de Economia Política Internacional e com o pensamento político da América Latina, não há muita novidade. A argumentação se concentra em traçar um panorama histórico do pensamento desenvolvimentista (ou estruturalista) para que possa ter como pano de fundo as mudanças proporcionadas pelo esgotamento daquele modelo e a consequente adoção dos preceitos neoliberais.

Merece especial atenção a discussão realizada no capítulo três, ao elencar argumentos a favor e contra as políticas que compõem o Consenso de Washington⁵. A revisão de literatura empreendida por Kingstone cobre os argumentos teóricos para economia e políticas públicas, além de discutir as formas utilizadas para medir o alcance (mantendo ainda as perspectivas de julgamento crítico e favorável) dos resultados alcançados pelo modelo. Com efeito, chega-se a conclusão de que é preciso uma análise acurada dos micro-dados das economias dos países em questão para que se possa compreender as várias nuances dos efeitos apresentados (2012, p. 118). Também, serve de guia àqueles que atacam as políticas empreendidas pelo Chicago Boys e cia. com argumentos rasos, isto é, eleva o nível do debate ao apresentar dados que demonstram que, se o neoliberalismo não foi o salvador da região, também não foi seu carrasco (p. 118-119).

Em seguida, no capítulo quatro, a atenção se volta aos aspectos políticos do *tandem* direita-esquerda, quando da ascensão dos governos de esquerda a partir do final do século XX -vistos como alternativas ao modelo neoliberal empreendido ao longo da década de 1990 (ao custo privatizações de companhias estatais e, ao mesmo tempo, com ganhos de eficiência e qualidade em serviços públicos vitais como saneamento, telefonia, eletricidade e distribuição e tratamento de água (p. 119)). O balanço entre duas esquerdas, uma “pragmática/moderada” e outra “contestatória”, representadas por estudos de caso de Brasil e Venezuela, é o de resultados macroeconômicos e sociais mais estáveis penderes para a primeira, cujos esforços conseguiram aprofundar melhorias institucionais ao longo do tempo.

A discussão empreendida no último capítulo deixa claro o diagnóstico de que os países latino-americanos continuam a lutar com muitos dos mesmos problemas que eles têm lutado por décadas: taxas de crescimento irregulares combinadas com altos níveis de pobreza que resultam em elevados índices de desigualdade. Para o autor, no cerne do problema encontram-se instituições estatais ineficazes que proporcionam benefícios limitados para, muitas vezes, uma minoria muito restrita da população e instituições políticas frequentemente não conseguem responder às necessidades das sociedades. Importante destacar, como já mencionado a ausência de arrogância em sua análise, ao comentar a sucessiva importação de soluções (instituições) para os problemas da região, Kingstone pontua que “[o]n the face of it, it would seem as if the answer is simply to import the desired rules and institutions. In fact, this has been the practice for a long time in Latin America and it has not been effective. It is not enough simply to import rules, laws, or institutions from abroad” (p. 198).

Ao final do dia Peter Kingstone nos mostra que os argumentos que tendem de oscilar pendularmente entre uma aguda idolatria ao mercado

a uma ferrenha defesa estado-centrada, acabam, inevitavelmente por atacar aqueles os precederam⁶ e não produzem ganhos analíticos ou de proposições políticas⁷ -funcionando, quando muito, como limitados recursos de retórica. Isso apesar de nos últimos quinze anos ter surgido uma ‘via média’ para o neoliberalismo⁸, ou como define Santiso (2006) “uma economia política do possível”. Contudo, como avalia o autor “even a new, balanced model is not sufficient. In the final analysis, full development -growth with equity, quality of life, and democratic governance-depends on the quality of institutions” (p. 38).

Mesmo com todos os avanços ao longos dos últimos quase trinta anos cobertos pelo autor, há ainda na América Latina um entendimento muito pobre acerca do que podem ser boas instituições -tanto para a academia quanto para os tomadores de decisões-, e de como estas podem se conectar com a realidade das populações da região. Neste sentido, a contribuição de Kingstone é fundamental e segue o caminho de sólidos pesquisadores estrangeiros que contribuíram (e contribuem) profundamente ao debate acerca da região, como Leslie Bethell, Timothy Power, Alfred Stepan e Andrew Hurrell, para citar apenas alguns.

REFERÊNCIAS

- AB’SÁBER, T. **Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica**. São Paulo: Hedra, 2011.
- DULCI, L. **Um salto para o futuro: como o governo Lula colocou o Brasil na rota do desenvolvimento**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013.
- KINGSTONE, P. R. **The political economy of Latin America: reflections on neoliberalism and development**. Routledge: London, 2011.
- SANTISO, J. **Latin America’s political economy of the possible: beyond good revolutionaries and free marketeers**. Cambridge, MA: MIT Press, 2006.

6. Para nos limitarmos apenas a um exemplo na região, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao estabelecer o bordão “nunca antes na história deste país” reafirmava seu rol de políticas neoestruturalistas ante uma negação profunda das políticas neoliberais empreendidas por Fernando Henrique Cardoso, seu antecessor.

7. Dulci (2013) e Ab’Sáber (2011) para um melhor entendimento acerca das estruturas de afirmação-negação do governo Lula.

8. O autor nomeia como ‘pragmático’ ou ‘moderado’ (p. 37).

